



A linguagem na escolástica medieval The language in the medieval scholasticism

Ivanaldo SANTOS¹

Resumo: O objetivo desse artigo é apresentar o problema da linguagem na escolástica medieval e especificamente apresentá-la na obra do pensador de maior notoriedade da escolástica: Tomás de Aquino. Para esse objetivo, o artigo foi dividido em duas partes: 1) A escolástica medieval; 2) A linguagem no pensamento de Tomás de Aquino. Por fim, afirma-se que é preciso perceber que a escolástica medieval trouxe, em seu interior, importantes debates sobre temas que, séculos depois, nortearam a Modernidade, como, por exemplo, o Método, a Lógica e a Linguagem.

Abstract: This article aims introducing the problem of the language in the medieval scholasticism, specifically in the work by Tomás de Aquino, thinker of greater notoriety in the scholasticism. In order to achieve this goal this article was divided in two parts: 1) The medieval scholasticism; 2) The language in the thought of Tomás de Aquino. Finally, it is confirmed that is necessary perceive that the medieval scholasticism provided relevant discussions about themes that centuries later, guided the modernity, for example, the method, the logic and the language.

Palavras-chave: Escolástica – Medieval – Tomás de Aquino – Problema – Linguagem.

Keywords: Scholasticism – Medieval – Thomas Aquinas – Problem – Language.

RECEBIDO: 10.01.2013

ACEITO: 23.02.2013

¹ Filósofo, pós-doutorado em *estudos da linguagem* pela USP, doutor em estudos da linguagem pela UFRN, professor do Departamento de Filosofia e do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERN. E-mail: ivanaldosantos@yahoo.com.br.



TÔRRES, Moisés Romanazzi (coord.). *Mirabilia 16* (2013/1)
A Filosofia Monástica e Escolástica na Idade Média
La Filosofía Monástica y Escolástica en la Edad Media
Monastic and Scholastic Philosophy in the Middle Ages

Introdução

Há um conjunto de preconceitos que dificultam a investigação sobre o período histórico conhecido como *Idade Média*. São preconceitos que, em grande medida, tem origem no Iluminismo (século XVIII) que, entre outras coisas, acusavam a Idade Média de ser uma *idade das trevas*, de ser um período histórico onde não houve produção científica e de haver um gigantesco fanatismo religioso patrocinado pela Igreja.

O problema é que se houve um grande desenvolvimento técnico-científico na modernidade, isso se deve, em grande medida, justamente à Idade Média. Isso aconteceu porque foi nesse período histórico que foram lançadas as bases da moderna Matemática, da Física, da Astronomia, da Engenharia e de muitos outros ramos do saber científico moderno (WOLFF, 1988).

Apenas como exemplo da importância da Idade Média para a constituição da modernidade, é possível, a partir do medievo, “reconstituir a história dos meios de transmissão cultural e dos equipamentos culturais hoje relacionados com a sociedade de massa para verificar de que forma, a partir do século XII constitui-se uma rede entre eles, [...], pela organização e direção do convívio humano” (CRIPPA, 2003: 1)

É por causa disso que o “medievo foi uma eclosão contínua de renascenças: a Carolíngia, a do século XII, a franciscana, a otônica, a escolástica, a nominalista” (LOYN, 1997: V). Seria demasiadamente cansativo e até mesmo quase impossível apresentar a discutir todas as *renascenças* que ocorreram na Idade Média. Por isso, optou-se em estudar a escolástica, justamente a *renascença* que teve origem na Idade Média e influenciou o pensamento moderno e contemporâneo.

No entanto, mesmo realizar um estudo sério e acurado da escolástica é algo que extrapala, em muitos aspectos, os limites de um artigo acadêmico. É por isso que o objetivo desse artigo é apresentar o problema da linguagem na escolástica medieval e especificamente apresentar esse problema na obra do pensador de maior notoriedade dentro da escolástica, ou seja, Tomás de Aquino. Para alcançar esse objetivo o artigo foi dividido em duas partes, sendo elas: 1) A escolástica medieval; 2) A linguagem no pensamento de Tomás de Aquino.



TÓRRES, Moisés Romanazzi (coord.). *Mirabilia 16* (2013/1)
A Filosofia Monástica e Escolástica na Idade Média
La Filosofía Monástica y Escolástica en la Edad Media
Monastic and Scholastic Philosophy in the Middle Ages

I. A escolástica medieval

Inicialmente é preciso definir o que está sendo tratado como *escolástica*. Ao nos referirmos à *escolástica*, estamos nos referindo ao método de ensino teológico e filosófico desenvolvido nos primórdios da universidade durante a Idade Média, entre os séculos IX e XVII (CULLETON, 2010: 5). No método escolástico debatiam-se questões e opiniões, fundamentando-as com a razão. Os escolásticos procuravam conciliar os ensinamentos da doutrina cristã com o platonismo e o aristotelismo. Esse termo não significa exclusivamente filosofia medieval nem religiosa. É um método de produção de conhecimento fundado na disputa, no confronto de perspectivas visando respostas sustentadas na razão.

Didaticamente é possível dividir a escolástica em quatro períodos históricos.

- 1) Escolástica medieval. Ela vai do século IX ao XV. É o período de formação e de desenvolvimento dos grandes temas e teses da escolástica. A escolástica medieval compreende três períodos: o da formação (desde o século IX até fins do século XII); o apogeu (1220 a 1347), época da fundação dos grandes sistemas escolásticos, e o de decadência (até últimos anos do século XV), caracterizado pela reprodução das doutrinas da fase precedente. (LARROYO, 1982).
- 2) Escolástica tardia, também conhecida como escolástica moderna, escolástica barroca ou segunda escolástica. Quando se fala de *segunda escolástica*, deve-se entender o pensamento desenvolvido segundo a metodologia escolástica durante os séculos XVI e começos do XVII, durante os quais esta forma de pensamento alcança um grande nível intelectual.
- 3) Período de decadência. Esse período é marcado principalmente pelo século XVIII. Nesse século há um grande interesse, entre outros temas, pela filosofia de Descartes, pelos novos sistemas filosóficos desenvolvidos por Kant e Hegel e pelo Iluminismo. Por causa disso passa a haver uma crítica e até mesmo um espírito de hostilidade contra a escolástica.
- 4) Neoescolástica. Período que vai, oficialmente, da publicação da encíclica *Aeterni Patris*, do Papa Leão XIII, no dia 4 de agosto de 1879, ou seja, na segunda metade do século XIX, até os dias atuais. De acordo com estudiosos, como, por exemplo, Campos (2001: 34-35), Rovighi (2001: 650), Hirschberger



TÔRRES, Moisés Romanazzi (coord.). *Mirabilia 16* (2013/1)
A Filosofia Monástica e Escolástica na Idade Média
La Filosofía Monástica y Escolástica en la Edad Media
Monastic and Scholastic Philosophy in the Middle Ages

(1963: 128) e Costa (2001: 30), essa encíclica provocou uma grande profusão de estudos sobre a escolástica e, por conseguinte, o surgimento de universidades e outros centros de estudos e de cultura voltados para a pesquisa em torno de temas que envolvem o pensamento escolástico. É por causa disso que deve-se compreender que a escolástica não é uma escola de pensamento presa a Idade Média, mas está presente, entre outras formas de manifestação, na sociedade contemporânea (JUNGES, 2010). Nessa encíclica *Aeterni Patris* o Papa Leão XIII recomenda, entre outras coisas, a restauração e um renascimento dos estudos escolásticos. Para ele, na modernidade, é preciso haver um renascimento dos estudos aprofundados sobre o homem, Deus, a natureza e o cosmo. É uma das melhores correntes filosóficas que podem proporcionar tal renascimento é a escolástica. Justamente a escolástica, que é a “[...] *filosofia*, da qual, sem dúvida, em grande parte depende a reta razão das outras ciências” (LEÃO XIII, 2010: 118). É por esse motivo que o Papa Pio X recomenda que nos seminários e demais casas de formação eclesial para padres e outras modalidades de religiosos católicos que se “ponha, como fundamento dos estudos sagrados, a filosofia escolástica” (PIO X, 2010: 112).

A “escolástica surge por uma necessidade histórica da Igreja” (ZILLES, 1996: 68). Com a decadência do império romano e, por conseguinte, o fim das perseguições aos cristãos, passou-se a se exigir um padre mais bem formado do ponto de vista intelectual. Homens sábios, como Santo Agostinho e Tertuliano, a Igreja sempre teve, porém a realidade pós-decadência do império obrigava a Igreja a dar uma melhor orientação a seus fiéis. Para isto ocorrer era preciso uma formação mais aperfeiçoada para os padres. Devido a isso, lentamente foi se constituindo os seminários para preparação do clero, com professores e alunos fixos e cursos regulares.

Além disso, “com a decadência do império romano, a Igreja continuou a ter, como essência da sua missão, a pregação evangélica e a orientação espiritual, entretanto surgem novas obrigações” (MARTIN, 1954: 15). Entre essas novas obrigações encontra-se a educação dos indivíduos. Por este motivo, os conventos, os mosteiros, as catedrais e as demais casas de vida espiritual se transformaram em centros de estudo, de arte e de cultura.

Na segunda metade da Idade Média, a escolástica trouxe consigo uma importante mudança na maneira de ensinar a ciência e a teologia. O termo *escolástica* significou, inicialmente, um conjunto do saber, tal como era



TÔRRES, Moisés Romanazzi (coord.). *Mirabilia 16* (2013/1)
A Filosofia Monástica e Escolástica na Idade Média
La Filosofía Monástica y Escolástica en la Edad Media
Monastic and Scholastic Philosophy in the Middle Ages

transmitido nas escolas de tipo clerical. A vida espiritual nesta época manteve-se numa atitude receptiva diante da cultura antiga; submeteu-se à autoridade dos pensadores clássicos, principalmente Aristóteles. Desejou ensinar a ciência e a filosofia e não investigar e filosofar por conta própria. A escolástica, em seu momento de nascimento, representava o espírito de aventura do pensamento e da reflexão. Uma atitude bem diferente da ideia muito difundida de que a Idade Média é uma pura e simples idade de trevas. (SANTOS; PAULISTA, 2009: 60).

Sobre os objetivos da escolástica medieval o Papa Leão XIII esclarece que os “Doutores da Idade Média, denominados *Escolásticos*, produziram uma grande obra ao reunirem com cuidado as abundantes e fecundas doutrinas disseminadas nas inúmeras obras dos Santos Padres e diligentemente reuniram-se num só lugar, para uso e comodidade futuros” (LEÃO XIII, 2010: 133).

A palavra *escolástica* (*scholasticus*) surge a partir das escolas mantidas pelas paróquias, mosteiros e pelos bispados católicos. Eram escolas onde os alunos estudavam, daí o nome *escolástico* ou *homem da escola*, os textos dos grandes pensadores antigos, interpretados pelos mestres da Igreja medieval.

A escolástica proporcionou um grande desenvolvimento estrutural e intelectual na Idade Média. Um dos frutos desse desenvolvimento foi o surgimento das universidades. A universidade medieval é o campo de novas formas de desenvolvimento intelectual, dentre elas a afamada escolástica, que teve como seus praticantes homens de inquestionável relevância como John Scotus, Roger Bacon e Bernardo de Claraval. (SANTOS, 2011: 100).

Tanto na “filosofia como na teologia, o método escolástico busca uma compreensão racional da fé” (ZILLES, 1996: 66). Deve se entender por *escolástica* a doutrina cristã que lentamente se organiza, a partir do século IX, como uma ciência estruturada e elaborada pela razão, atendendo à análise, à pesquisa, à divisão e à síntese. Entretanto, “apesar de todo o rigor racional o método escolástico repousa em bases metafísicas e religiosas, especialmente a mística” (HIRSCHBERGER, 1966: 80).

O método característico da escolástica é o método dedutivo em sua forma silogística, tão própria para expor e apresentar verdades já verificadas, porém muito limitado para o descobrimento de novas ideias. É um estilo de pensar



TÔRRES, Moisés Romanazzi (coord.). *Mirabilia 16* (2013/1)
A Filosofia Monástica e Escolástica na Idade Média
La Filosofía Monástica y Escolástica en la Edad Media
Monastic and Scholastic Philosophy in the Middle Ages

que se estendeu por mais de seis séculos. É um método que, em grande medida, está preocupado em demonstrar e ensinar as concordâncias entre razão e fé e eliminar as possíveis contradições das verdades transmitidas em questões de dogma pelos filósofos e teólogos oficiais da Igreja. (SANTOS; PAULISTA, 2009: 61).

Uma das grandes preocupações da escolástica medieval foi justamente com o método. Daí a ênfase dada, muitas vezes, no ensino da lógica, especialmente da lógica aristotélica, e no rigor com a argumentação e na construção e exposição das ideias. Contemporaneamente estudiosos, como, por exemplo, Rorty (1990), Simon (1990), Hacking (1999) e Oliveira (2001), defendem a existência de um *giro linguístico* dentro do pensamento ocidental, ou seja, a centralidade da linguagem nas investigações realizadas dentro das ciências humanas. Parafraseando esses estudiosos é possível dizer que a Idade Média, com o advento da escolástica, experimentou um *giro metodológico*, isto é, a centralidade das investigações sobre o método dentro da escolástica medieval.

É possível dividir a escolástica medieval, enquanto período histórico, em duas grandes fases. A primeira fase vai do século IX até o XII. Neste período, o método é essencialmente leitura, *lectio*, dos autores que gozam de reconhecida autoridade dentro do cristianismo. O leitor, *lector*, ou o mestre, *magister*, isto é, os indivíduos que possuem a licença para ensinar, lê um texto, comentando-o e explicando-o ao mesmo tempo. Daí originou-se o termo *leitura catedrática* ou *leitura acadêmica*.

Para a teologia, o livro básico é a *Bíblia*. Todavia, os professores das disciplinas consideradas complementares também tinham o direito a ler. Por exemplo: na gramática liam-se os livros de Donato e Prisciano, na retórica Quintiliano, na dialética Boécio, e a partir do século XII Aristóteles. O método é basicamente a leitura e a análise direta dos textos. O elemento racional exerce papel na construção da análise dos textos estudados. Neste período histórico, o gênero literário dominante era o *Comentário*, ou seja, a análise dos textos estudados. (HIRSCHBERGER, 1966: 80).

A segunda fase vai do século XII ao XIII. Este período é marcado por um florescimento da filosofia, da literatura, da arte e da teologia. É “neste período que Aristóteles renasce graças ao gênio de Tomás de Aquino. Essa fase da escolástica é marcada por uma profunda vitalidade da fé cristã. Devido a essa



TÔRRES, Moisés Romanazzi (coord.). *Mirabilia 16* (2013/1)
A Filosofia Monástica e Escolástica na Idade Média
La Filosofía Monástica y Escolástica en la Edad Media
Monastic and Scholastic Philosophy in the Middle Ages

vitalidade, o pensamento grego é confrontado radicalmente com a doutrina cristã” (ZILLES, 1996: 66).

Nesse confronto, a razão logo tende a ultrapassar a simples explicação do texto estudado. O próprio texto suscita questões. Outras dúvidas surgiam *de fora*, isto é, surgiam de ambientes que não são cristãos como, por exemplo, dos judeus e dos maometanos. A “fé medieval tinha a coragem de procurar razões para resolver essas dúvidas” (ZILLES, 1996: 67). Dessa forma, desenvolveu-se a literatura das *Questões*, cujo maior exemplo é a obra de São Tomás de Aquino.

A literatura das *Questões* constituía no fato dos teólogos e dos filósofos formularem perguntas, questões, fundamentais, tais como: Deus existe? A alma é espiritual? Pode um rico se salvar? Essas perguntas são respondidas a partir de uma tríplice orientação metodológica: 1. A *Bíblia*, o livro sagrado do cristianismo, 2. A tradição apostólica e o magistério da Igreja e, por último, 3. A razão. Vale ressaltar que a tríplice orientação ocorria sempre seguindo esta ordem de procedimentos analíticos.

O princípio de submeter tudo à discussão levou ao desenvolvimento de um novo método de formular problemas. Muitas vezes, para determinados problemas não é possível dar uma única solução. Por causa disso, os professores, mestres, podem discordar entre si. Dessa forma, a *Questão* desenvolve-se em *Questão disputada* (*Quaestio disputata*), ou seja, os professores saíam em praça pública para resolverem as controvérsias com seus colegas na presença dos alunos e da população em geral. Nessas controvérsias, certas sentenças (as teses) conseguiam impor-se. Seus defensores passavam a ser reconhecidos como *Doutores*, isto é, professores aos quais é reconhecido o direito de ensinar. Essa é, pois, a origem histórica do caráter público da defesa de teses de doutorado nas universidades.

A *Questão disputada* era a discussão de acordo com regras determinadas e com uma técnica rigorosa em torno de problemas (*questiones*) discutidos em todos os seus aspectos, favoráveis e contrários, e resolvidos de maneira racionalmente fundamentada. Enquanto na leitura, *lectio*, só falava o professor, na *Questão disputada* aluno e professor deveriam escrever (dissertar) a resposta.

No início da escolástica, no século IX, a leitura tinha o caráter de um breve comentário ao texto bíblico, a algum texto complementar ou de alguma



TÔRRES, Moisés Romanazzi (coord.). *Mirabilia 16* (2013/1)
A Filosofia Monástica e Escolástica na Idade Média
La Filosofía Monástica y Escolástica en la Edad Media
Monastic and Scholastic Philosophy in the Middle Ages

disciplina complementar (gramática, retórica, dialética e outra). Sob influência da *Questão disputada*, a leitura, *lectio*, evoluiu para a literatura de *Questão*. Dessa forma, no século XIII a escolástica atingiu seu ponto de maturidade, quando a *Questão* tornou-se a forma literária, por excelência, da Igreja.

II. A linguagem no pensamento de Tomás de Aquino

Existe uma espécie de senso comum que afirma que a escolástica medieval se preocupava, quase que exclusivamente, com temas metafísicos, como, por exemplo, Deus, a alma, a Santíssima Trindade e o sumo bem. Grande parte desse senso comum é fruto dos preconceitos sobre a Idade Média que, ainda hoje, povoam o imaginário intelectual do Ocidente. (SANTOS, 2011a: 101).

A grande exceção, dentro desse senso comum, é a educação. Um tema muito bem explorado pelos estudiosos do medievo e também pelos estudiosos da história da educação é a íntima relação existente entre a educação e a escolástica.

Sobre a relação entre a educação e a escolástica afirma-se que a “filosofia escolástica na Idade Média foi, literalmente, o suporte fundamental de um método pedagógico responsável pela formação cultural e religiosa das gerações europeias que estavam constituindo a nova civilização que nascia sobre os escombros do império romano” (SEVERINO, 1990: 18-19).

No entanto, a Idade Média e especificamente a escolástica medieval não se resumem a temas puramente metafísicos e a debates sobre métodos educacionais. A escolástica medieval se preocupou e investigou temas que fogem ao roteiro da metafísica antiga. Entre esses temas é possível citar, por exemplo, o método, a lógica, a argumentação e a linguagem.

No tocante especificamente a linguagem uma série de estudiosos, como, por exemplo, De Boni (1995), Kretzmann, Kenny e Pinborg (1982), organizaram livros onde apresentam os debates, as querelas e os avanços que os medievais e especificamente os escolásticos realizaram sobre esse tema.

Ainda sobre a questão de a linguagem ser um problema debatido e pesquisado na Idade Média, afirma-se que de fato, a filosofia medieval e a filosofia escolástica oferecem grandes oportunidades para a filosofia da linguagem. Dia após dia suas contribuições são assimiladas pelas investigações filosóficas



TÔRRES, Moisés Romanazzi (coord.). *Mirabilia 16* (2013/1)
A Filosofia Monástica e Escolástica na Idade Média
La Filosofía Monástica y Escolástica en la Edad Media
Monastic and Scholastic Philosophy in the Middle Ages

atuais. A filosofia medieval é uma fonte muito importante ao enriquecimento da filosofia da linguagem contemporânea, especialmente a semiótica. Muitas das teses e das análises desenvolvidas pelos filósofos analíticos e da linguagem, ao longo do século XX, já estavam presentes, mesmo que de forma embrionária, em filósofos medievais como: Alberto Magno, Tomás de Aquino, Duns Scot e William de Ockham. (BEUCHOT, 1991: 11).

Todavia, a maior autoridade da escolástica e do pensamento medieval do século XIII foi Santo Tomás de Aquino (OLIVEIRA, 2007: 125), (SANTOS, 2011a: 101). Sobre essa mesma questão o Papa Leão XIII afirma que “entre todos os Doutores Escolásticos, brilha maximamente, como príncipe e mestre de todos, *Tomás de Aquino*” (LEÃO XIII, 2010: 135).

É por causa disso que, dentro do atual debate sobre a escolástica medieval, optou-se em apresentar e analisar, de forma sucinta, as ideias e proposições linguísticas de Tomás de Aquino.

Inicialmente é preciso esclarecer que não será realizado uma apresentação exaustiva de todas as ideias e discussões que foram construídas pelo Aquinate, no século XIII, sobre a linguagem. O motivo disso é que o *corpus* tomista, ou seja, o conjunto das obras completas de Tomás de Aquino, é gigantesco e trás em seu interior um rico material contendo profundas reflexões, entre outros temas, sobre a linguagem. O *corpus* tomista ainda está sendo investigado pela comunidade de pesquisadores que se dedica a investigar o pensamento do Aquinate.

Feita esse esclarecimento, afirma-se que Tomás de Aquino produziu, ao longo de sua obra, uma rica reflexão sobre a linguagem. Essa reflexão foi um dos pilares para a escolástica, em suas várias fases históricas, incluindo a escolástica medieval, se desenvolver e aprimorar o debate sobre o método, a lógica, os temas metafísicos e outras questões que interessam a pesquisa por ela desenvolvida.

É preciso obser que Tomás de Aquino não escreveu um tratado sistemático onde expôs sua teoria sobre a linguagem. No entanto, em diversas obras, de sua *Opera Omnia*, discute e analisa a linguagem. Dentro desse quadro é preciso destacar as doutrinas e discussões que se encontram nas principais obras do Aquinate, sendo elas: *Summa Theologiae*, *Contra Gentiles*, *De Veritate*, *De Anima*, *Sententia Libri de Anima*, *Sententiam Super Metaphysicam*, *De Natura Verbi*



TÓRRES, Moisés Romanazzi (coord.). *Mirabilia 16* (2013/1)
A Filosofia Monástica e Escolástica na Idade Média
La Filosofía Monástica y Escolástica en la Edad Media
Monastic and Scholastic Philosophy in the Middle Ages

Intellectus, De Interpretatione, De lallacis, De Demonstratione, De Quatuor e II Analyticos Posteriora. (FAITANIN, 2010).

Na *Suma Teológica*, o texto que melhor expõe o método e os problemas investigados pela escolástica medieval, Tomás de Aquino afirma que a linguagem é o veículo pelo qual o ser humano exterioriza o conhecimento intelectual. E essa exteriorização é feita por meio de sinais sensíveis, falados e escritos, ou seja, por todo o conjunto da linguagem. Para ele, a linguagem é a grande ferramenta humana para simultaneamente se comunicar e transformar o mundo exterior a mente humana. Se não houvesse a linguagem o ser humano estaria limitado à dimensão interna do intelecto e, com isso, não haveria comunicação entre os indivíduos, com a sociedade e com o mundo físico. A linguagem tira o homem da solidão, do isolamento pessoal e social. E, por usa vez, joga-o dentro do universo das relações interpessoais, sociais, culturais e com o mundo físico. (AQUINO, 2001, III, q. 60, a4, c).

Essa é uma concepção sofisticada sobre a linguagem. Em grande medida o século XX retoma, com mudanças, essa concepção. Por exemplo, nesse século o filósofo pragmático Richard Rorty defende a tese que a linguagem, ao tirar o homem do isolamento, da solidão – concepção que está presente no Aquinate –, torna-se a ferramenta que possibilita ao homem ser uma espécie de ação e transformação de si mesma, da sociedade e da natureza.

No século XIII o Aquinate demonstrou que a linguagem é um dos problemas que, de forma direta ou indireta, precisam ser pesquisados pela filosofia. Para ele o homem não pode manipular a linguagem da mesma forma que um cientista manipula uma fórmula química em laboratório, ou seja, com precisão e rigor. Se fosse possível manipular a linguagem com precisão e rigor o homem seria Deus e, por conseguinte, todos os problemas da vida humana estariam resolvidos. Entretanto, a realidade é outra. A linguagem é um ente vivo que, muitas vezes, extrapola os limites da estreita compreensão humana. (SANTOS, 2001b: 60).

Para o Aquinate ao invés de haver uma compreensão absoluta da linguagem é preciso haver um *tratamento* conceitual sobre ela. É preciso esclarecer que a palavra *tratamento* é utilizada não no sentido de compreensão lógica, de construção de uma metalinguagem, da forma como é encontrada em Ludwig Wittgenstein – principalmente na primeira face da sua pesquisa filosófica, representada em grande medida pelo *Tratado lógico-filosófico* – e em grande parte



TÔRRES, Moisés Romanazzi (coord.). *Mirabilia 16* (2013/1)
A Filosofia Monástica e Escolástica na Idade Média
La Filosofía Monástica y Escolástica en la Edad Media
Monastic and Scholastic Philosophy in the Middle Ages

da análise filosófica sobre a linguagem desenvolvida no século XX. Utiliza-se a palavra *tratamento* apenas como sendo a necessidade de se investigar a linguagem. Junto com todas as outras questões metafísicas (ser, realidade, Deus, etc) é preciso pensar sobre e com a linguagem. No entanto, é surpreendente que Tomás de Aquino, em pleno século XIII, no centro da escolástica medieval, tenha tido uma percepção sobre a linguagem que viria a ser profundamente investigada no século XX, especialmente por Wittgenstein e seus seguidores. Neste sentido é que é preciso ver que o Aquinate realizou uma reflexão perene sobre problemas filosóficos e no caso específico sobre a linguagem.

Do ponto de vista estritamente didático serão apresentados três momentos que demonstram a pesquisa, o avanço e até certo ponto o caráter de antecipação que Tomás de Aquino desenvolveu ao refletir sobre a linguagem.

O primeiro momento é o texto *A natureza da palavra no intelecto* de Tomás de Aquino. Em grande medida, o Aquinate retoma uma tese desenvolvida por Aristóteles na *Metafísica* e nos *Analíticos*, ou seja, que para se refletir sobre o conhecimento é preciso antes pensar a formação da linguagem. Não existe conhecimento sem antes passar pela linguagem. No entanto, Tomás de Aquino inova ao discutir sobre a formação da palavra no intelecto. Uma discussão que ganhará destaque no século XX, com o giro linguístico, e será tema de análises de pesquisadores como Jacques Lacan. Além disso, nesse pequeno texto o Aquinate faz uma antecipação de análises linguísticas que só aparecerão formalmente no século XX.

Para o Aquinate a palavra tem o poder de mostrar a realidade. Em suas palavras: “a palavra toma a espécie da realidade que expressa e não de quem a profere” (AQUINO, 2011a: 18). É interessante observar que a tese que afirma que a linguagem é um espelho da realidade e, por isso, ao pesquisar a linguagem está simultaneamente desvelando a realidade, só ganhará força no século XX. Essa tese foi desenvolvida e popularizada, por exemplo, por Ludwig Wittgenstein no *Tratado Lógico-Filosófico*. No entanto, em plena escolástica medieval, durante o século XIII, Tomás de Aquino já desenvolvia o embrião dessa tese.

O Aquinate desenvolve, no texto *A natureza da palavra no intelecto*, uma tese que contemporaneamente pode ser classificada de *tradicional*. Para ele, forma-se no



TÔRRES, Moisés Romanazzi (coord.). *Mirabilia 16* (2013/1)
A Filosofia Monástica e Escolástica na Idade Média
La Filosofía Monástica y Escolástica en la Edad Media
Monastic and Scholastic Philosophy in the Middle Ages

intelecto humano uma imagem do objeto, sendo esta uma “similitude da realidade externa” (AQUINO, 2001a: 23) ao próprio intelecto.

O problema, para Tomás de Aquino, é que essa imagem pode ficar apenas no intelecto. Se isso acontecer não haverá a transmissão da informação de um indivíduo para o outro. Isso acontece porque o ser humano é, em essência, um ser de fala e de comunicação. A imagem construída no intelecto é uma que trás para o ser humano uma série de informações sobre o objeto (forma, cor, tamanho, etc), mas, ao mesmo tempo, ajuda ao mesmo intelecto a formular um *nome*, uma palavra que pode designar o objeto.

Por exemplo, um objeto que tradicionalmente é conhecido como *cadeira*. Na perspectiva do Aquinate, esse objeto tem uma imagem formada no intelecto humano. Essa imagem trás em seu interior uma série de informações sobre ele (forma, cor, etc) e, ao mesmo tempo, forma um nome que será usado para designá-lo. O conjunto formado sobre o que se pode dizer sobre o objeto (sua essência, sua função, etc) e mais o seu nome, forma o que Tomás de Aquino irá designar por *conhecimento* sobre o objeto.

No entanto, se esse o conhecimento sobre o objeto ficar apenas disposto no intelecto não haverá ou será quase impossível à transmissão de informações e de comunicação entre os indivíduos. Por isso, para ele, a formação e a pronuncia (o ato de falar) uma palavra é fundamental. Para o Aquinate a palavra é uma estrutura epistêmica, oriunda do intelecto, que não pode ficar apenas em estado de potência. Devido a essencial necessidade humana de comunicação e de transmissão de informações e de conhecimento, a palavra é uma estrutura oriunda do intelecto que só pode *estar presente*, só pode se manifestar, se for em ato, ou seja, se for por meio da efetividade, da ação. E suas palavras: “o que se diz, pode ser dito, mas não pode permanecer dito, a não ser se dito em ato” (AQUINO, 2001a: 25).

Para Tomás de Aquino o ato de falar uma palavra, o ato de pronunciá-la, é em essência um ato prático. Não há como pronunciar uma palavra sem passar, simultaneamente, pelo estado de ato, de ação. Nesse aspecto, Tomás de Aquino antecede, em plena escolástica medieval, em pleno século XIII, a teoria dos atos de fala desenvolvida por John Langshaw Austin, John Roger Searle e, de certa maneira, por Jacques Derrida.



TÔRRES, Moisés Romanazzi (coord.). *Mirabilia 16* (2013/1)
A Filosofia Monástica e Escolástica na Idade Média
La Filosofía Monástica y Escolástica en la Edad Media
Monastic and Scholastic Philosophy in the Middle Ages

No entanto, não se pode imaginar que Tomás de Aquino seja um linguística pragmático, da forma como contemporaneamente essa corrente de pensamento vê a linguagem e suas relações com o homem e o mundo. Até porque, a pragmática linguística não aceita um postulado defendido por Tomás de Aquino, ou seja, a origem metafísica da palavra.

Para o Aquinate a palavra, que é “uma expressão da coisa que é inteligida” (AQUINO, 2001a: 27), não é independente do intelecto e muito menos do ser humano. A palavra, na perspectiva do Aquinate, não tem vida própria, não tem existência em si mesma. Ela é uma “similitude da coisa” (AQUINO, 2001a: 30) e é gerada, concebida, a partir da necessidade que o intelecto humano tem de conhecer as coisas. A palavra está atrelada a relação entre o objeto, um ente que está fora do intelecto, e conhecimento do objeto produzido pelo intelecto. Dessa forma a palavra, apesar de sua dimensão de ato, de ação, é, em essência, uma expressão dessa complexa relação.

É por causa disso que Tomás de Aquino afirma, na *Suma contra os gentios*, que a “linguagem humana se origina daquilo que foi conhecido” (AQUINO, 1996, IV, XXI, 4, 3578). No pensamento do Aquinate, apesar da linguagem ser o instrumento de expresso do conhecimento, ela não produz o conhecimento, mas, ao contrário, é o conhecimento que produz a linguagem.

Em Tomás de Aquino o homem, por ser naturalmente social, não é suficiente sentir, julgar ou desejar. Ele precisa comunicar as suas impressões e pensamentos aos seus semelhantes e até mesmo com o próprio Deus. A consequência, entre outras, dessa questão é que emerge a problemática da relação entre a linguagem e o conhecimento. De um lado, é preciso conhecer as coisas, os objetos, o próprio ser humano e até mesmo Deus. Do outro lado, é preciso haver algum tipo de estrutura linguística que possibilite, mesmo que de forma precária, o exercício da comunicação do conhecimento. Com isso, a linguagem emerge como sendo uma estrutura que vem dá sustentação e viabilidade a essa necessidade. (COLUÇO, 2010: 1).

O segundo movimento é a *Questão disputada sobre o verbo*, um texto escrito e publicado por Tomás de Aquino que segue harmoniosamente o método de escrever proposto pela escolástica medieval. diante da própria discussão realziada pelo Aquinate, afirma-se que, num primeiro momento, a *Questão disputada sobre o verbo* trata de um tema metafísico, ligado a teologia cristã. No



TÔRRES, Moisés Romanazzi (coord.). *Mirabilia 16* (2013/1)
A Filosofia Monástica e Escolástica na Idade Média
La Filosofía Monástica y Escolástica en la Edad Media
Monastic and Scholastic Philosophy in the Middle Ages

entanto, num segundo momento, trata de um problema filosófico linguístico. (SANTOS, 2012: 66).

Nessa questão o Aquinate trás para o debate intelectual um tema clássico da escolástica medieval, ou seja, a Santíssima Trindade, mas, concomitantemente, trás um tema inovador, ou seja, a linguagem.

Na *Questão disputada sobre o verbo* o Aquinate coloca a relação entre o signo, o verbo e o intelecto como sendo uma relação necessária para a compreensão da dimensão metafísica que envolve a Santíssima Trindade. De acordo com ele trata-se de uma relação exterior a Trindade, mas que envolve a sua dimensão linguística. (AQUINO, 2011b: 305).

É por causa disso que, logo no início da *Questão disputada sobre o verbo*, Tomás de Aquino afirma que há um duplo sentido na problemática filosófica do verbo. O sentido interior, místico e metafísico. E o sentido exterior, linguístico e filosófico. No entanto, na perspectiva do Aquinate, esses dois sentidos se complementam formando, com isso, as múltiplas manifestações do verbo. (AQUINO, 2011b: 301).

Sobre o conceito de verbo o próprio Tomás de Aquino afirma:

O conceito de verbo não requer que o ato do intelecto que tem seu termo no verbo interior se produza discursivamente, envolvendo raciocínio, mas é suficiente que, de qualquer modo, haja conhecimento pelo ato do intelecto. Como para nós frequentemente o dizer interior está associado a procedimentos discursivos, João Damasceno e Anselmo definiram o verbo em termos de “raciocínio” em vez de “consideração” (AQUINO, 2011b: 315).

A partir daí Tomás (2011b: 311) demonstra que há o *verbo vocal*, ou seja, o uso cotidiano que as pessoas fazem do verbo, afinal uma marca do ser humano é a fala e a comunicação. Um argumento que ele defende no texto: *A natureza da palavra no intelecto*. Além disso, há o *verbo interior*, isto é, a Santíssima Trindade. Entretanto, o homem só pode pensar e refletir sobre a Trindade, mesmo que essa reflexão não alcance a perfeição de Deus, a partir do verbo vocal. Para o Aquinate a constituição bioontológica do homem, uma espécie essencialmente da linguagem, proporciona-o maior aptidão para a reflexão linguística.

Uma prova disso, segundo ele, é que na espécie humana é muito mais fácil usar o verbo “para se manifestar o outro” (AQUINO, 2011b: 317). Por



TÔRRES, Moisés Romanazzi (coord.). *Mirabilia 16* (2013/1)
A Filosofia Monástica e Escolástica na Idade Média
La Filosofía Monástica y Escolástica en la Edad Media
Monastic and Scholastic Philosophy in the Middle Ages

exemplo, na espécie humana é mais fácil usar um verbo para chamar uma pessoa ou ter outro tipo de comunicação do que ficar fazendo gestos, imitações e outros movimentos típicos dos animais.

Tomás de Aquino apresenta uma visão oriunda da escolástica medieval sobre a relação entre o verbo e as formações gramaticais. É sempre bom frisar que trata-se de um pensador do século XIII e não de um linguísta do século XX ou XXI. Para ele, o verbo é a parte central de uma oração e, por sua vez, configura o substantivo. É pelo verbo que se manifesta as outras partes da oração e por ele se torna inteligível o substantivo. (AQUINO, 2011b: 309).

Para o Aquinate o “significado é estabelecido por convenção” (AQUINO, 2011b: 311), ou seja, está associado às condições socioculturais. No entanto, para ele, não se pode ficar mudando constantemente e eternamente o significado de um verbo. Isso acontece porque é preciso, dentro da sociedade, estabelecer a comunicação, a regularidade e a ordem linguística. Sem isso a vida humana tende a ser um caos. Por isso o significado de um verbo é mutável, mas não ao bem-plezer do indivíduo. Quem determina as mudanças, ao longo dos séculos, na estrutura do significado é a sociedade e a cultura.

Além disso, ele enfatiza que o verbo, no intelecto humano, tem duas coisas, sendo elas: 1) Que seja entendido. Um verbo que, ao ser pronunciado não provoca entendimento, é uma palavra vazia, sem sentido. Grande parte da relação compreensão-significação é dada pelo processo de entendimento. 2) Que seja expressão para outra coisa. O verbo é essencialmente palavra, nome. É uma palavra que expressa algo, que personifica algum objeto, sentimento, pessoa e outra coisa. (AQUINATE, 2011b: 329).

É por isso que ele afirma que o verbo não é a verdade ou possuidor da verdade, mas é um portador dela, pois “uma coisa se diz verdadeira na medida e que imita o exemplar que está no verbo” (AQUINO, 2011b: 371).

Sem contar que o verbo, enquanto elemento linguístico central na frase, é essencial para determinar a verdade dos componentes frasais. Sobre essa questão o próprio Aquinate afirma:

Quando se pergunta, então, se as coisas são mais verdadeiras em si mesmas do que o verbo, deve-se distinguir, porque a expressão “mais verdadeiras” pode designar a verdade da coisa ou a verdade da predicação. Se designa a verdade da coisa, então sem dúvida é maior a verdade da coisa



TÓRRES, Moisés Romanazzi (coord.). *Mirabilia 16* (2013/1)
A Filosofia Monástica e Escolástica na Idade Média
La Filosofía Monástica y Escolástica en la Edad Media
Monastic and Scholastic Philosophy in the Middle Ages

no verbo do que nela mesma, se, porém designa a verdade da predicação, então é o contrário, pois homem se predica com mais verdade da coisa que existe na própria natureza do que da que existe no verbo, e isto não por um defeito do verbo, mas pela sua superiminência. (AQUINO, 2011b: 371; 373).

Para ele o verbo deve, num primeiro plano, indicar a própria verdade do verbo. Se o verbo é falso, dentro de uma construção frasal, então a palavra que emerge como *verbo* não é realmente o verbo. Num segundo plano é preciso que o verbo estabeleça a verdade dos outros elementos da frase. Se, por exemplo, o componente frasal é um predicado ou um adjetivo, isso ficará, em grande medida, a cargo do verbo.

Um ponto que precisa ser observado com muito espanto é a reflexão sobre a dimensão pragmática do verbo que Tomás de Aquino desenvolve na *Questão disputada sobre o verbo*. Nas palavras do Aquinate: “tudo o que é dito com algum verbo se dirige de algum modo à execução porque com a palavra (*verbum*) movemos os outros a agir e ordenamos que se execute o que com a mente concebemos” (AQUINO, 2011b: 377). Tomás de Aquino, em plena escolástica medieval, ou seja, no século XIII, propunha a relação entre o verbo e a ação.

Para ele o verbo é uma estrutura linguística sofisticada capaz de fazer a transposição do conteúdo que está apenas na mente humana para a dimensão da prática, do fazer empírico. Em Tomás, mesmo que de forma rudimentar, já se encontra a pragmática linguística. Ele percebeu a relação entre a palavra, que nesse caso é identificada com o verbo, e a prática. Ele fez isso oito séculos antes de pensadores, como, por exemplo, Ludwig Wittgenstein, John Searle e John Langshaw Austin terem desenvolvido, no século XX, suas teorias sobre os jogos de linguagem e os atos linguísticos.

É preciso esclarecer que a *Questão disputada sobre o verbo* é um texto produzido dentro e, ao mesmo tempo, seguindo o método proposto pela escolástica medieval. Não se trata de uma reinterpretação ou uma reconstrução. No século XX, dentro da neoescolástica, muitos pensadores reinterpretaram os textos de Tomás de Aquino e, com isso, desenvolveram um frutífero diálogo com o pensamento contemporâneo. Entre esses pensadores é possível citar, por exemplo, Anthony Kenny, Peter Thomas Geach, John Haldane e Maurício Beuchot. No entanto, as sofisticadas análises linguísticas que são encontradas na *Questão disputada sobre o verbo* não são um produto da



TÔRRES, Moisés Romanazzi (coord.). *Mirabilia 16* (2013/1)
A Filosofia Monástica e Escolástica na Idade Média
La Filosofía Monástica y Escolástica en la Edad Media
Monastic and Scholastic Philosophy in the Middle Ages

reconstrução neoescolástica do século XX, mas uma promissora contribuição da escolástica medieval para a reflexão sobre a linguagem.

O terceiro e último movimento é a discussão sobre os nomes divinos que se encontra na Questão N. 13 da *Suma Teológica* (AQUINO, 2001). Assim como na *Questão disputada sobre o verbo*, a discussão sobre os nomes divinos, presente na *Suma Teológica*, segue rigorosamente a proposta metodológica desenvolvida pela escolástica medieval. Nessa questão o Aquinate discute um tema bem próprio da escolástica medieval, ou seja, os nomes atribuídos a Deus. No entanto, assim como na *Questão disputada sobre o verbo*, ele debate um tema clássico da metafísica produzida pela escolástica do medievo e, ao mesmo tempo, introduz uma discussão sobre a linguagem.

Para Tomás de Aquino sempre deverá ser afirmado que “não podemos nesta vida conhecer a essência divina como existe em si mesma, mas conhecemos representada nas perfeições das criaturas” (AQUINO, 2011, q. 13, a. 2, r. 3), ou seja, não se vê e se conhece Deus de forma direta, mas por meio de um *espelho*, o qual são as diversas criaturas presentes na natureza, incluindo o próprio homem. Ao se olhar para as criaturas, especialmente para o homem, imagem e semelhança de Deus, se observa o ser divino.

É justamente por meio dessa observação que são “tomados os nomes divinos” (AQUINO, 2011, q. 13, a. 2, r. 2). Para Tomás de Aquino os “nomes significam Deus de acordo com o que nosso intelecto conhece dele. Ora, nosso intelecto conhece Deus a partir das criaturas, assim, ele o conhece como estas o representam” (AQUINO, 2011, q. 13, a. 2, r. 3). Por esse motivo quando se diz, por exemplo, *Deus é bom* isso implica que o que o homem entende por bondade preexiste e é advindo de Deus.

Nesse caso, não significa que Deus seja de fato bom. Na verdade ele está acima da bondade. Ele é a causa da bondade existente na sua imagem e semelhança, ou seja, no homem. E por existir bondade no homem, então é possível atribuir o nome de *bom* a Deus e, por conseguinte, dizer: *Deus é bom*. Por analogia deve-se aplicar o mesmo raciocínio a outros nomes que são atribuídos a Deus, como, por exemplo, pai, perfeito, amoroso, amigo e outros.

Em Tomás de Aquino (AQUINO, 2011, q. 13, a. 1, r. 1) o homem só pode nomear algo se for conhecido pelo intelecto. Um argumento desenvolvido no texto: *A natureza da palavra no intelecto*. Dessa forma, a nomeação direta e



TÓRRES, Moisés Romanazzi (coord.). *Mirabilia 16* (2013/1)
A Filosofia Monástica e Escolástica na Idade Média
La Filosofía Monástica y Escolástica en la Edad Media
Monastic and Scholastic Philosophy in the Middle Ages

absoluta de Deus é impossível, pelo fato do homem não conhecer diretamente a Deus. O homem conhece Deus por meio das criaturas existentes na natureza, segundo a relação de princípios, e pelo modo da excelência e da negação que cada criatura possui. Por exemplo, as criaturas possuem altura, no entanto não conhecemos a altura de Deus. Além disso, a princípio, Deus não tem altura. Por esse motivo podemos nomeá-lo de *altíssimo*.

Para o Aquinate o ser humano atribui nomes abstratos para significar a singularidade de Deus, como, por exemplo, *pai* e *bom*, e nomes concretos para significar sua substância e perfeição, como, por exemplo, *perfeito*, *criador* e *único*. No entanto, todos esses nomes são falhos e incompletos quanto ao modo de Deus ser em si mesmo, pois são produtos do intelecto humano e, por sua vez, esse intelecto não conhece a Deus, tal como ele é. (AQUINO, 2001: q. 13, a. 1, r. 2).

O que o intelecto humano faz é perceber que há certo grau de perfeição nas coisas e no próprio ser humano. Por meio do princípio de participação, ou seja, o homem é coparticipante da perfeição de Deus, por meio de Jesus Cristo, é possível ao intelecto humano inferir que existe em Deus um grau de perfeição muito superior ao existente no ser humano. Por exemplo, se há coisas boas e doces na realidade, então em Deus há um grau muito superior de bondade e de doçura. Com isso, é possível dizer, por exemplo, que Deus é *bom*, *doce* ou ainda que ele é *boníssimo* e *docíssimo*.

Não é possível nomear Deus de forma plena e perfeita. Por mais que o ser humano desenvolva palavras e expressões linguísticas nunca será possível expressar a essência de Deus. Ele sempre será o *inominável*, pois “Deus está mais distante das criaturas do que estas podem estar umas das outras” (AQUINO, 2001: q. 13, a. 5, a. 3).

Pelo fato de “Deus ser incorpóreo” (AQUINO, 2001: q. 13, a. 3, a. 3), ou seja, o homem só ter acesso a ele *mediante a fé*, só é possível se nomear Deus por meio de metáforas. Quando se diz, por exemplo, que *Deus é bom*, a palavra *bom*, que consta da proposição, é apenas uma metáfora que fala sobre Deus. Em hipótese alguma está representando Deus em si mesmo, mas apenas representa metaforicamente o que Deus é e, ao mesmo tempo, o desconhecimento do homem sobre ele. É por isso que “todos os nomes atribuídos a Deus o são por metáforas” (AQUINO, 2001: q. 13, a. 3, r. 1) ou



TÔRRES, Moisés Romanazzi (coord.). *Mirabilia 16* (2013/1)
A Filosofia Monástica e Escolástica na Idade Média
La Filosofía Monástica y Escolástica en la Edad Media
Monastic and Scholastic Philosophy in the Middle Ages

de outra maneira: “nomes só podem ser atribuídos a Deus por metáforas” (AQUINO, 2001: q. 13, a. 3, r. 1).

Nisso o próprio Aquinate pergunta: “Os nomes atribuídos a Deus são sinônimos?” (AQUINO, 2001: q. 13, a. 4). Dentro da discussão que é travada, ou seja, dos nomes divinos, essa é uma pergunta de suma importância. Apresentam-se dois motivos para essa importância. Primeiro, se Deus é perfeito, eterno e está além da realidade humana, então apenas uma única palavra humana poderá representar Deus. Ao invés de se dizer ou se criar uma dezenas de palavras, bastará ao homem estabelecer que apenas uma única palavra será o suficiente para designar e significar Deus. Segundo, tanto filosoficamente como historicamente são atribuídos diversos nomes a Deus, tais como: uno, único, bom, perfeito, eterno e outros. Se os nomes atribuídos à divindade foram sinônimos então bastará apenas uma palavra para unir as diversas formas linguísticas existentes.

Para o Aquinate apesar de Deus ser uno e único – sem entrar na discussão filosófica da Santíssima Trindade –, o intelecto humano apreende-o de forma múltipla. Se o homem apreendesse Deus de forma una e única o próprio homem seria Deus. Não haveria distinção entre o homem e Deus. No entanto, isso não acontece. O intelecto tem acesso a Deus de forma indireta, parcial, limitada e imperfeita. Ele não conhece Deus em si mesmo, mas apenas as múltiplas manifestações de Deus, ou seja, o intelecto conhece a manifestação, por exemplo, da bondade, do amor e da mansidão de Deus. Ele conhece as manifestações, mas não Deus em si. (AQUINO, 2001: q. 13, a. 4, r. 3) .

É por isso que Tomás de Aquino conclui afirmando que os “nomes atribuídos a Deus, ainda que signifiquem uma única coisa, não são sinônimos, porque a significam segundo razões múltiplas e diversas” (AQUINO, 2001: q. 13, a. 4, r. 1). Cada nome atribuído a Deus é distinto do outro nome, ou seja, apresenta uma manifestação diferente de Deus, um atributo, uma razão diferente. Para o Aquinate dizer, por exemplo, que *Deus é bom* não é o mesmo que afirmar que *Deus é perfeito* ou então *Deus é eterno*. Essas proposições apresentam e significam atributos e manifestações diferentes de Deus. Por isso não é possível afirmar que os nomes divinos são sinônimos.

Para Tomás de Aquino qualquer nome que seja dado a um ser individual não pode significar a plenitude desse ser. Por exemplo, um nome como *Pedro* ou



TÔRRES, Moisés Romanazzi (coord.). *Mirabilia 16* (2013/1)
A Filosofia Monástica e Escolástica na Idade Média
La Filosofía Monástica y Escolástica en la Edad Media
Monastic and Scholastic Philosophy in the Middle Ages

João não pode significar toda a rica personalidade e a essência de um indivíduo. Em síntese, trata-se de um nome de reconhecimento, de figuração, de semelhança e de comparação, mas nunca reproduz a essência do indivíduo. Quando se nomeia, por exemplo, *Pedro* ou *João*, ao mesmo tempo, está sendo realizado um reconhecimento de um individual, se apontado para sua figura e apresentando semelhanças e comparações com outros individuais, mas nunca está significando, de forma plena e absoluta, sua essência. (AQUINO, 2001: q. 13, a. 9, r. 1).

Em Tomás de Aquino a essência de um individual não se resume ao nome, a palavra. Se o nome tivesse o poder de resumir e significar totalmente a essência de um individual, não haveria separação entre nome e o objeto. Pelo contrário, haveria uma radical união entre ambos. Quando um nome fosse pronunciado automaticamente o objeto se faria presente. Por exemplo, em uma aula de história, quando o professor pronunciasse a nome do conquistador romano *César*, apesar dele estar morto a séculos, automaticamente ele se materializaria na sala de aula. A questão é que tal coisa não acontece. As palavras representam, mas não são os objetos.

Na Questão N. 13 da *Suma Teológica* o Aquinate não constrói um realismo radical entre palavra e objeto, onde a palavra expressa, de forma absoluta, o objeto. Seu realismo é de cunho *moderado*, ou seja, a palavra materializa a significação do objeto, mas não o objeto em si. Essa é uma tese sobre a natureza da palavra desenvolvida na escolástica medieval e que ajudou, ao longo da história das ideias, no debate sobre a relação entre a palavra, o objeto e o pronunciante, ou seja, o ser humano.

Como se pode ver pelos três momentos que foram apresentados, de um lado, Tomás de Aquino, o maior representante da escolástica medieval, abordou em sua obra temas que tradicionalmente são atribuídos a Idade Média. Temas metafísicos que falam de Deus, da alma e do sumo bem. No entanto, do outro lado, o próprio Aquinate trás para o debate intelectual um tema inovador que irá criar grandes disputas ao longo da modernidade e especialmente no giro linguístico, ocorrido durante o século XX. Esse tema é a linguagem. Nesse aspecto Tomás de Aquino é um antecipador, com as devidas reservas, do giro linguístico.

Por fim, afirma-se que é preciso perceber que a escolástica medieval trouxe, em seu interior, importantes debates sobre temas que, séculos depois,



TÓRRES, Moisés Romanazzi (coord.). *Mirabilia 16* (2013/1)
A Filosofia Monástica e Escolástica na Idade Média
La Filosofía Monástica y Escolástica en la Edad Media
Monastic and Scholastic Philosophy in the Middle Ages

nortearam a modernidade, como, por exemplo, o método, a lógica e a linguagem. Pelo menos no tocante a linguagem, esse tema foi debatido e, em muitos aspectos, trouxe grandes contribuições ao desenvolvimento da história das ideias. Essas contribuições foram desenvolvidas, entre outros pensadores, pelo maior nome da escolástica medieval, ou seja, Tomás de Aquino.

Fontes

- AQUINO, Tomás de. *Suma teológica*. Vol. 1. São Paulo: Loyola, 2001.
AQUINO, Tomás de. A natureza da palavra no intelecto. In: SANTOS, Iveraldo (Org.). *Linguagem e epistemologia em Tomás de Aquino*. João Pessoa: Ideia, 2011a, p. 13-38.
AQUINO, Tomás de. Questão disputada sobre o verbo. In: LAUAND, Jean. *Verdade e conhecimento*. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011b.
AQUINO, Tomás de. *Suma contra os gentios*. II Vol. Porto Alegre: Edpucrs, 1996.

Bibliografia

- BEUCHOT, Maurício. *La filosofía del language en la Edad Media*. 2 ed. México: UNAM, 1991.
BÍBLIA. Versão Jerusalém. 2 ed. São Paulo: Paulinas, 1985.
CAMPOS, Fernando Arruda. *Tomismo hoje*. São Paulo: Loyola, 1989.
COLUÇO, Antônio. A linguagem em São Tomás de Aquino. In: *Presbíteros Arautos*, 2010. Disponível em <http://presbiteros.arautos.org/2010/07/31/a-linguagem-em-sao-tomas-de-aquino>. Acessado em 21/08/2010.
COSTA, Elcias Ferreira. A atualidade de São Tomás de Aquino. In: *Estudos do Instituto de Pesquisas Filosóficas Santo Tomás de Aquino*. Recife: Círculo Católico de Pernambuco, 2001.
CULLETON, Alfredo. O que é a Escolástica e a Escolástica de Salamanca. In: *IHU On-Line*, Revista do Instituto Humanitas Unisinos, São Leopoldo, 03 de dezembro de 2010, Ano X, n. 342, p. 5.
DE BONI, Luis. A. (Org.). *Lógica e linguagem na Idade Média*. Porto Alegre: Edipucrs, 1995.
FAITANIN, Paulo. A filosofia da linguagem tomista, 2010. In: *Instituto Aquinate*. Disponível em <http://www.aquinate.net/portal/Tomismo/Filosofia/tomismo-filosofia-a-filosofia-da-linguagem-tomista.htm>. Acessado em 12/12/2010.
HACKING, Ian. *Por que a linguagem interessa a filosofia?* São Paulo: Unesp, 1999.
HIRSCHBERGER, Johannes. *História da filosofia contemporânea*. São Paulo: Herder, 1963.
HIRSCHBERGER, Johannes. *História da filosofia na Idade Média*. 2 ed. São Paulo: Herder, 1966.
JUNGES, Márcia; CULLETON, Alfredo. Os “velhos escolásticos” continuam presentes. In: *IHU On-Line*, Revista do Instituto Humanitas Unisinos, São Leopoldo, 03 de dezembro de 2010, Ano X, n. 342, p. 6-10.
KRETZMANN, N.; KENNY, A.; PINBORG, J. *The Cambridge History of Later Medieval Philosophy*. Cambridge: Universidade de Cambridge, 1982.



TÔRRES, Moisés Romanazzi (coord.). *Mirabilia 16* (2013/1)
A Filosofia Monástica e Escolástica na Idade Média
La Filosofía Monástica y Escolástica en la Edad Media
Monastic and Scholastic Philosophy in the Middle Ages

- LARROYO, Francisco. *História geral da pedagogia*. São Paulo, Mestre Jou, 1982.
- LEÃO XIII, Papa. *Aeterni Patris. Da instauração da filosofia cristã nas Escolas Católicas, segundo a mente de Santo Tomás de Aquino, o Doutor Angélico*, n. 19. In: *Aquinate*, Niterói, 2010, p. 117-151.
- LOYN, Henry Royston. *Dicionário da Idade Média*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- MARTIN, Alfred Von. *Sociologia de la cultura medieval*. Madri: Instituto de Estudos Políticos, 1954. (Coleccion Civitas).
- OLIVEIRA, Manfredo Araújo. *Reviravolta linguístico-pragmática na filosofia contemporânea*. São Paulo: Loyola, 2001.
- OLIVEIRA, Terezinha. Origem e memória das universidades medievais. In: *Varia Historia*, Belo Horizonte, v. 23, n. 37: p.113-129, Jan/Jun 2007.
- PIO X, Papa. *Moto Próprio Doutor Angélico. Sobre a promoção da doutrina de S. Tomás de Aquino nas escolas católicas*, n. 2. In: *Aquinate*, Niterói, 2010, p. 111-120.
- RORTY, Richard. *El giro linguístico*. Madri: Paidós, 1990.
- ROVIGHI, Sofia Vanni. *História da filosofia contemporânea*. 2 ed. São Paulo: Loyola, 2001.
- SANTOS, Fernando Pereira dos. Educação e Idade Média: uma reflexão historiográfica. In: *Cadernos de História*, ano 6, n. 2, dezembro de 2011a, p. 95-205.
- SANTOS, Gislene A. S.; PAULISTA, Maria Inês. Idade Média X Idade Média. In: *Mirandum*, n. 20, CEMOrOC-Feusp / IJI-Universidade do Porto, 2009, p. 55-68.
- SANTOS, Ivanaldo. O problema da linguagem em Tomás de Aquino. In: SANTOS, Ivanaldo (Org.). *Linguagem e epistemologia em Tomás de Aquino*. João Pessoa: Ideia, 2011b, p. 57-68.
- SANTOS, Ivanaldo. Tomás de Aquino e as múltiplas manifestações do verbo. In: *Revista Internacional d'Humanitats*, USP, v. 25, p. 65-75, 2012.
- SEVERINO, Antonio Joaquim. A contribuição da filosofia para a educação. In: *Em Aberto*, Brasília, ano 9, n. 45. jan./mar. 1990, p. 18-25.
- SIMON, Josef. *Filosofia da linguagem*. Lisboa: Edições 70, 1990.
- WOLFF, Philippe. *Outono da Idade Média ou primavera dos tempos modernos?* São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- ZILLES, Urbano. *Fé e razão no pensamento medieval*. Porto Alegre: Edipucrs, 1996.